

B E N M O O N

Denali

**A história de um
homem, um cachorro
e uma amizade que
salvou a vida dos dois**

Planeta

B E N M O O N

Denali

**A história de um homem, um cachorro
e uma amizade que salvou a vida dos dois**

Tradução

Edmundo Barreiros



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Ben Moon, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Edmundo Barreiros
Título original: *Denali: a Man, a Dog, and the Friendship of a Lifetime*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Franciane Batagin
Revisão: Diego Franco Gonçalves e Vanessa Almeida
Diagramação: Anna Yue
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: Cortesia do autor

Créditos das imagens: p. 117 e 118 - © Vivian Moon, p. 132 - © www.lisaskaff.com, p. 133 - © Jeff Johnson, p. 134 - © Ian Yurdin, p. 157 - © Dan Higgins, p. 190 - © Christine Taylor, p. 250 - © Giles Clement, p. 273 - © Whitney Hassett, p. 287 - © Page Stephenson. Todas as demais imagens são cortesia do autor.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Moon, Ben

Denali: a história de um homem, um cachorro e uma amizade que salvou a vida dos dois / Ben Moon; tradução de Edmundo Barreiros. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2021. 304 p.

ISBN 978-65-5535-607-6

Título original: Denali: a Man, a Dog, and the Friendship of a Lifetime

1. Moon, Ben - Biografia 2. Relação homem-animal 3. Cães 4. Animais de estimação I. Título II. Barreiros, Edmundo

21-5390

CDD 920.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Moon, Ben - Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário



UMA SEGUNDA OPINIÃO.....7

1 À PRIMEIRA VISTA.....15

2 NOVOS COMEÇOS.....39

3 VIDA DE ESCALADOR ANDARILHO.....61

4 PRIMEIRO SANGUE.....99

5 O DIAGNÓSTICO.....119

6 A BATALHA.....135

7 A BOLSA.....175

8 A VOLTA À VIDA.....191

9 CONEXÕES.....203

10 OUTRA ONDA.....225

11 A BATALHA DE DENALI.....235

12 DIMINUINDO A VELOCIDADE.....241

13 FICANDO SOZINHO.....	249
14 ACEITANDO O LUTO.....	265
15 UM NOVO COMEÇO COM NORI.....	273
DENALI CONTINUA VIVO.....	287
BEN MOON.....	301



1

À PRIMEIRA VISTA



Planeta

Um cachorro é, antes de tudo, um instrumento de crescimento pessoal: ele existe para aliviar as ansiedades existenciais, transmitir lições sobre amor e amizade e ensinar você a ser uma pessoa melhor.

– David Dudley

Depois de terminar um curso de medicina esportiva na Universidade Estadual de Grand Valley, me mudei dos Grandes Lagos para o Oregon com Melanie, a mulher com quem tinha acabado de me casar com a idade sensata e jovem de 23 anos. Ela tinha 20. Nunca havíamos visitado a Costa Oeste antes, mas a nossa atração pelas montanhas e pelo litoral do noroeste do Pacífico parecia uma boa razão para se libertar do alto Meio-Oeste.

Após a cerimônia de casamento, fomos morar em Grand Haven, que já era minha cidade praiana favorita há muito tempo,

e foi ali no lago Michigan que surfei minhas primeiras ondas, nas águas do interior e sem sal. Apesar disso, logo fiquei inquieto vivendo tão perto de onde tinha crescido, e desejava fortemente estar perto daquelas falésias que via nas revistas. Lendo atentamente guias do noroeste do Pacífico, fiquei maravilhado com os picos de montanhas impressionantes, áreas de escalada abundantes e diversas atividades recreativas. Sonhava com uma mudança para o oeste em direção a essas montanhas, ao oceano Pacífico e às aventuras sobre as quais eu lia apenas nos guias.

Alguns meses depois do casamento, um velho amigo se mudou para Aloha, no Oregon. Espremida entre Beaverton e Hillsboro, e cheia de redes de lojas automotivas e de concessionárias, Aloha era um nome inadequado para um subúrbio industrial de Portland. Durante um telefonema, contei meu desejo de me mudar para o oeste, e ele se ofereceu para alugar um quarto no apartamento em que estava ficando. Parecia a oportunidade perfeita de fazer a mudança que eu estava imaginando.

Melanie e eu empacotamos as nossas coisas, enfiamos todas elas em nosso Isuzu Rodeo e seguimos para o sul pela US 31. Atravessamos a área urbana de Chicago e seguimos para o noroeste, até as longas e estreitas vias da Interestadual 94 nos levarem às planícies congeladas de Dakota do Norte, e antes de pararmos em Bozeman, Montana, por uma noite.

Minha sensação era de alívio, à medida que o oeste parecia nos dar boas-vindas com seus moradores simpáticos e algumas paisagens incríveis. Contemplava com admiração a paisagem de Coeur D'Alene, em Idaho, antes que a direção hidráulica congelasse e os faróis se apagassem na cidadezinha bucólica de Ritzville, Washington, quando o alternador do carro deu problema. Era fim de semana, por isso ligamos para todas as lojas de autopeças até encontrar um mecânico que pudesse trazer uma substituta e instalar na manhã seguinte.

Enquanto jantávamos em um restaurante vagabundo, mas caseiro, nosso atendente perguntou para onde estávamos indo.

— Portland! — disse eu, empolgado por estar livre do plano e sufocante Meio-Oeste.

— Cara, como eu queria ir embora desta cidade — respondeu ele, baixando a cabeça. — Mas não posso.

Fiquei intrigado com esse sentimento de resignação enquanto revia lembranças de meus colegas de turma arrumando empregos em fábricas e se mudando para casas ao lado das de seus pais.

Era noite quando Melanie e eu passamos com nosso SUV barulhento e engasgado pelo rio Willamette, atravessando a ponte Marquam no noroeste de Portland. Uma névoa pairava baixa e sufocante, obscurecendo a maior parte da cidade. O recorde de dias seguidos sem sol foi quebrado durante as três semanas seguintes. “Bem-vindo ao Oregon”, dizia a placa na estrada. Apesar do ar lúgubre, eu estava empolgado por estar em um lugar que oferecia tanto potencial ao ar livre.

Durante as três primeiras semanas em nossa casa nova em Aloha, um subúrbio a sudoeste de Portland, o sol ainda precisava aparecer. *Quem chamou este lugar de Aloha se ele não tem sol?!*, eu costumava pensar. Nosso apartamento era perto da Canyon Road e, em uma manhã, quando peguei a mesma estrada para o leste em direção ao centro de Portland, o sol finalmente perfurou a obscuridade para revelar a incrível silhueta coberta de neve do monte Hood, que se erguia à frente como um monumento. Apesar de quase um mês vivendo no Oregon, eu não tinha ideia de que havia uma montanha tão perto. Meu coração disparou com a ideia de praticar snowboard naquelas deslumbrantes encostas brancas e, um dia, escalar até seu cume.

Na semana seguinte, parei em uma loja de equipamentos e encontrei no balcão um guia de escaladas do parque Smith Rock. Depois de folheá-lo, perguntei sobre ele ao dono da loja.

— Parece um lugar fantástico para escalar. É perto daqui? Qual é a melhor época para escalar lá?

— Smith fica a cerca de três horas a sudeste daqui. É uma área incrível. Você pode escalar por lá o ano inteiro, desde que não esteja nevando — respondeu ele.

Minha curiosidade foi atiçada e comprei o guia na mesma hora. Ainda não sabia o quanto aquela área de escalada especial significaria para mim nos anos seguintes.

Depois de mostrar o guia a Melanie, concordamos que precisávamos fazer uma visita, e viajamos três horas pela Cordilheira das Cascatas, chegando a Smith Rock no fim da tarde. Ele estava completamente escuro devido à cobertura densa de nuvens. Enquanto armávamos a barraca, pude sentir uma presença muito forte, mas não havia nada visível para preencher as lacunas da minha imaginação. Dormi um sono inquieto, ansioso demais com a perspectiva de um dia explorando uma verdadeira área de escalada, uma novidade para quem havia crescido nos Grandes Lagos. O ar de High Desert tinha um cheiro familiar de sálvia e outro aroma desconcertantemente conhecido. Era o fedor que eu, mais tarde, descobri serem bagas de zimbro, embora tivesse reconhecido por me lembrar da época em que o gato adotado de minha mãe esvaziava a bexiga em minha cama e nos cantos mais profundos de meu armário.

Ao amanhecer, abri o zíper da barraca para me aliviar, e a vista do lado de fora foi tão chocante que perdi instantaneamente a vontade de fazer xixi. Em vez disso, tentei absorver a magnificência da gigantesca área íngreme de rocha avermelhada que cercava o acampamento. Olhei para o rio que fazia uma curva na encosta do cânion e, na luz do início da manhã, meus olhos procuraram encontrar as vias escaláveis nas paredes íngremes. Eu estava ao mesmo tempo eufórico e nauseado com a sensação intimidante. Aquelas paredes de tufo vulcânico eram muito mais

majestosas que qualquer outra coisa que eu já tinha visto ou considerado subir.

A escalada “tradicional” utiliza *camalots*² posicionados em fendas com laterais paralelas e *nuts*³, ou pequenas escoras de alumínio que são enfiadas em lugares estreitos dentro da fenda. Todo esse equipamento é removido depois da escalada. Já a “escalada esportiva” depende de ancoragens permanentemente presas a uma parede de pedra, prendendo cordas em costuras⁴ que são atadas às chapeletas na parede da rocha, espaçadas a qualquer distância entre um e sete metros, dependendo do terreno. Isso significa que, se você está um metro e meio acima de seu último ponto clipado, vai cair no mínimo três metros, além da quantidade extra que seu peso estica a corda antes que a queda seja interrompida. A escalada esportiva costuma ser feita em paredes, nas quais os apoios para mãos e pés são pequenas saliências ou reentrâncias, e nenhuma fenda é segura o suficiente para usar *camalots* ou *nuts* removíveis.

Para esquentar e sentir o estilo de escalar as escarpas verticais, tentei algumas vias mais fáceis e percebi que a dificuldade em cada nível era grande, e o espaçamento entre as chapeletas às quais eu prendia minha costura era muito maior do que já havia experimentado. Cada vez que encontrava um lugar para me prender à chapeleta seguinte, percebia que meus pés estavam bem mais altos do que um corpo de distância ou mais além

2. *Camalot* é um dispositivo utilizado para escalada que, ao ser aplicado em uma fenda, se expande ou retrai para garantir segurança ao praticante do esporte. (N. E.)

3. *Nuts* são peças fixadas na pedra e utilizadas para manter a segurança do escalador no esporte. (N. E.)

4. *Costura* é o termo utilizado para designar uma peça utilizada na escalada, dotada de dois mosquetões intermediados por uma fita. (N. E.)

do meu último ponto de proteção, o que significava que eu mergulharia por cerca de sete metros se caísse. Agarrei as pequenas ondulações com mais força e subi cuidadosamente, torcendo para que a borracha aderente das sapatilhas de escalada permanecesse agarrada às pequeninas saliências de rocha que pareciam prestes a quebrar a qualquer momento devido ao meu peso corporal. Eu estava tão concentrado em chegar à ancoragem no alto da escalada que perdi uma das chapeletas. Tremia de medo no longo laço de corda que pendia solto entre o nó em minha cadeirinha e o último ponto de proteção muito abaixo. Respirei fundo e, com dedos dormentes, me clipei à ancoragem e dei um suspiro de alívio. *Uau, pensei, foi para isso que me mudei para o oeste.*

Enquanto Melanie e eu nos estabelecíamos no Oregon em nosso novo casamento e nossa nova casa, comecei a querer um cachorro. Passava horas lendo livros sobre cães e pesquisando as raças que seriam mais apropriadas para a vida ao ar livre pela qual eu ansiava. Algumas raças eram mais atraentes que outras, mas achei que seria injusto adotar qualquer cachorro até realizar totalmente o sonho de passar meus dias escalando e explorando as praias e desertos do oeste.

A cidade não é lugar para um cachorro, pensei. Preciso esperar até nos mudarmos para algum lugar no qual eu e meu cão possamos nos sentir livres. Sem trânsito, sem coleiras obrigatórias... só ar puro, espaço para andar e uma vida que nos permita estar juntos o dia inteiro.

Em um domingo de novembro, Melanie me convenceu a parar com ela no abrigo local de animais, garantindo que seria uma passada rápida, só para ver quais tipos de cães estariam disponíveis quando eu estivesse pronto para adotar. Contrariando meus instintos, concordei, e logo estávamos andando pelos corredores de concreto do Abrigo de Animais

Bonnie L. Hays, impressionados pela cacofonia de cachorros ganindo e latindo. Uma pilha de filhotes ainda de olhos fechados subia uns sobre os outros à minha direita, e os olhos tristes e apáticos de um cão velho e abandonado me olhavam do outro lado. Logo me senti tomado pelo desamparo e pelo cheiro forte de antissépticos. Meu único pensamento era deixar aquele lugar desolado. Enquanto procurava a saída e já emocionalmente distante, segui apressado por um corredor com fileiras de gaiolas.

De repente, o estado calmo de um filhote me fez parar onde eu estava. Sentado sozinho em uma gaiola posicionada ao nível dos olhos, ele estava me observando em silêncio. Sua presença curiosa e calma fez meu coração ganhar vida. Surpreso pela sensação em meu peito, continuei andando e passei por ele. Enquanto caminhava, ouvi um “woof!” resolutivo emergir de sua gaiola. Eu sabia que ele estava falando diretamente comigo e não ia me deixar passar sem reconhecer o momento de conexão que nós já havíamos compartilhado.

Suspirei e sussurrei enquanto dava outra olhada para o filhote:

— Está bem, amigão, fale comigo.

Ele era marrom e preto, com marcas simétricas na testa e tinha olhos que pareciam circundados por delineador. Ergueu uma pata e a ofereceu para mim atravessando as barras da gaiola, atraindo-me para mais perto dele. Agora que tinha toda a minha atenção, inclinou a cabeça e as orelhas moles caíram para um lado enquanto ele fixava seus grandes olhos castanhos nos meus. Seu olhar era firme, já sugerindo a personalidade de uma alma antiga que eu conheceria em breve.

Oi. Você parece legal. Hum, por que você olha para mim?
Acabei de ser deixado neste lugar! Preciso de alguém para

me libertar. Aqui fede e estou cheio de todos os ganidos e latidos. Droga.

Ah, bom, você está finalmente me notando! Oi, de novo. Ei, você parece estar precisando de um amigo. Deixa eu sair daqui que vou te amar para sempre.

Recuperando o fôlego, olhei para a etiqueta de identificação em sua gaiola. Ela dizia:

BROOKLYN
MISTIÇO DE HUSKY E PIT-BULL
MACHO – 8 SEMANAS

Que bom, pensei. Este não pode ser o cachorro certo para mim. Fiquei momentaneamente aliviado, pois estava planejando adotar uma fêmea, e um pit-bull terrier era uma raça que eu não tinha nem considerado. Mas, enquanto estava ali parado, senti uma ligação inegável já se formando. Encontrei um funcionário do abrigo, que rapidamente resumiu o que sabia sobre o passado de Brooklyn.

— Houve muito interesse por esse sujeitinho. Duvido que ele vá ficar aqui por muito mais tempo — disse ele. — Uma mulher o adotou da ninhada de um vizinho quando ele tinha seis semanas e o trouxe para cá duas semanas depois quando perceberam que não conseguiriam lidar com um filhote.

— E a parte pit-bull dele? Cachorros machos não são mais agressivos? — perguntei de modo inconveniente, procurando desculpas para não o levar para casa.

— Mestiços de pit-bull podem ser animais de estimação incríveis — disse o funcionário. — E se forem castrados e corretamente treinados, machos não devem ter problemas com agressividade. A mãe dele era pit-bull, mas não sabemos sobre o

pai. Um labrador retriever é nosso melhor palpite, mas, sinceramente, não temos ideia. Quer levá-lo para a área de brincadeiras para ver se vocês se dão bem?

Concordei e então levamos o filhote para a outra sala, onde conheceria Melanie. Removi a guia depois que fechamos a porta, e o pequeno Brooklyn saiu correndo pelo perímetro da sala de concreto, passando veloz por Melanie e pelo atendente antes de se debruçar aos meus pés. Rolou de costas, com as patas bem abertas, e olhou para mim com uma confiança que indicava o amigo leal que se tornaria. Enquanto mastigava meu cadarço, eu soube no fundo da alma que tínhamos sido feitos um para o outro – não havia nenhuma dúvida disso. Todas as minhas hesitações anteriores derreteram, e soube em meu coração que aquele ser peludo estaria em minha vida pelos anos seguintes.



Minha infância foi vivida fora do sistema convencional de uma cidade, nas profundezas das florestas de Michigan. Os cachorros de nossa família se tornaram tanto meus companheiros de aventura quanto meus confidentes, e os anos vividos na tranquilidade da floresta com um cão ao meu lado instauraram em mim um amor pela solidão e pelo tempo ao ar livre na natureza.

Nessa época, nunca fui a uma igreja tradicional, com um pastor. Em vez disso, minha família se reunia em casas diferentes nas manhãs de domingo e noites de quarta-feira para estudar os ensinamentos de Cristo que serviam como fundamentos de nossa fé. Antes de adotarem essas crenças, meus pais tinham feito parte de algo muito diferente.

Eles se conheceram no Colorado no início de seus vinte anos, em uma reunião de uma seita comunitária chamada

Meninos de Deus. Casaram-se três semanas depois. Após entrarem na seita, foi exigido que eles entregassem todos os seus bens terrenos para o líder do culto. Só com a roupa do corpo, meus pais distribuíaam panfletos e pediam dinheiro nas ruas enquanto perambulavam pelos estados sulistas do Alabama, do Arizona, do Texas e de Louisiana.

Depois de um ano, eles se tornaram céticos em relação às doutrinas do grupo, se libertaram da lavagem cerebral do culto e se mudaram para o estado natal de meu pai, Michigan. Ficaram perdidos por algum tempo e, com um empréstimo dos meus avós, acabaram comprando oitenta hectares de florestas na zona rural, a oeste do estado. Eu ainda era bebê quando eles deixaram o culto, por isso tenho poucas lembranças daquela época, até que nos instalássemos na propriedade, mas minha certidão de nascimento ainda guarda uma marca daquela época: logo acima do meu atual nome do meio, Robert, há um nome rabiscado, Seeds (Sementes), que me foi dado pela seita ao nascimento. Meus pais abandonaram as religiões organizadas até que um encontro casual com um casal de pastores itinerantes de uma fé sem denominação os ajudou a recuperar sua espiritualidade.

A família de Melanie seguia os preceitos da mesma fé, e por isso rapidamente me aceitaram como um deles logo que nos conhecemos.

Durante a minha infância, eu era sensível. Exageradamente sensível. E como uma criança que tem essa característica, eu absorvia a ansiedade da minha mãe. Isso pode ter começado no útero, enquanto ela e meu pai tramavam a saída do culto para o qual tinham dado todos os seus bens, e por meio de sua experiência traumática com meu nascimento. Entrei no mundo com saudáveis

4,65 quilos, respirando o ar quente e úmido dos riachos do sul de Nova Orleans. Fundado nos anos 1700 e reconstruído mais tarde, em 1939, a algumas quadras de onde fica hoje o Superdome, o Hospital Charity era um local de ensino que foi condenado e desativado depois do furacão Katrina. Durante meu nascimento, enfermeiras se recusaram a permitir a entrada do meu pai na sala do hospital e amarraram minha mãe enquanto uma série de residentes obstetras permaneceu ao lado do leito e assistiu enquanto o médico responsável explicava cada passo do processo.

Quando cheguei no terceiro ano da escola, fui tomado pela ansiedade por causa das conversas sobre a guerra. No fim dos anos 1970, os tópicos no jantar frequentemente giravam em torno da Guerra Fria ou das lembranças de meu pai no Vietnã. Apesar de ter sido chamado para a guerra, o destino deu a ele um emprego administrativo, trabalhando no recrutamento para os oficiais. Mesmo assim, esse assunto me aterrorizava. A guerra e as mortes eram temas que não conseguia entender e me assustavam. Tinha medo de perder meus pais ou minha irmã, Miranda, e de morrer. Estava sentindo e absorvendo informações muito além da minha compreensão, mas entendia sua gravidade.

Nós vivíamos entre a agora desativada base da Força Aérea K. I. Sawyer, em Marquette, e uma base da Guarda Nacional Aérea em Battle Creek. Quando os caças a jato roncavam no céu, eu encostava e apertava minhas costas magras na parede da casa para me esconder embaixo das calhas, torcendo para que os pilotos não pudessem me ver em suas missões de treinamento. Em vários momentos, enquanto estava no andar de cima e os F-15s voavam muito baixo, pude ver as máscaras dos pilotos. Abaixava rapidamente no chão, convencido de que eles iam cair pela janela do meu quarto.

Quando não estava lidando com o medo da morte e dos conflitos, ou então com as tarefas intermináveis da fazenda, me

refugiava lendo todos os livros sobre a natureza que podia encontrar. Desenhava elaboradas paisagens submarinas, sonhando poder um dia explorar as profundezas aquáticas como meu herói Jacques Cousteau. A localização remota de nossa pequena fazenda de subsistência significava que brincar com amigos raramente era uma opção. Em vez disso, eu confiava na minha imaginação para me manter ocupado.

Por mais que essa inventividade fosse uma fonte de entretenimento e aventura em nossa propriedade, minha mente superativa podia transformar o desconhecido em uma fonte de medo paralisante. Eu era também extremamente tímido, característica que me seguiu durante os meus anos de adolescência, frequentemente me fazendo evitar atender o telefone, com medo de me relacionar com outro ser humano. Isso preocupava minha mãe, especialmente quando eu não atendia ligações importantes, como na ocasião em que meu pai se machucou no trabalho e precisou ir para a emergência. Essa foi uma das poucas vezes em que ouvi minha mãe falar palavrão, e a sua explosão de raiva estava diretamente relacionada a mim.

Como era a filha mais nova de três meninas, a diferença de idade entre ela e as irmãs mais velhas era muito grande. Seus pais eram alemães extraordinariamente severos que nunca toleraram nenhuma discordância por parte das filhas. Eles sempre lembravam de que ela havia sido um acidente e que eles queriam um menino. Às vezes, penso se minha mãe sente que merece ser amada. “Faça o que digo e não me questione” era seu método de comunicação, e ela levou isso adiante quando criou a mim e a minha irmã. À medida que cresci, comecei a questionar e discordar dela, e frequentemente a via em silêncio e chorando, um mecanismo de defesa que usava para evitar confrontos desde que eu era pequeno.

Por minhas próprias experiências em hospitais, posso imaginar como meu nascimento deve ter sido frio e solitário para

minha mãe, presa à cama e tomada por contrações enquanto me empurrava para este mundo. Com uma entrada tão sem cerimônia na vida, não foi surpresa para mim sentir tão cedo o peso do mundo. Sofria de escoliose e má postura, e frequentemente me perguntava se isso era consequência da tentativa de me esconder, um resultado de minha timidez e meu medo de ser visto. Minha estrutura frágil cedia sob o peso de tudo.

Aos oito anos, tinha fortes dores no peito, um aperto tão intenso entre meus músculos intercostais que fui parar no consultório médico várias vezes. A cada nova visita, o médico desprezava meus sintomas, e a ansiedade que me dominava mesmo tão jovem nunca foi diagnosticada.

Tinha medo de decepcionar meus pais e era aterrorizado pela possibilidade de meus colegas me rejeitarem por usar roupas de segunda mão, por ser magro demais, nerd ou obcecado por tocar em banda, e me preocupava que meus colegas de turma me provocassem por não saber o suficiente sobre cultura pop ou programas de TV. Tinha medo também de chorar em frente às outras crianças e que elas vissem o quanto eu era sensível.

“Meninos não choram” é tudo o que me lembro de minha professora do quinto ano dizer depois que comecei a chorar pela terceira vez em sala de aula naquele dia.

Para mim, depressão é uma série de obstáculos aparentemente contínuos que inibem a tranquilidade que desejo. Não sei exatamente quando a depressão jogou seu primeiro véu pesado sobre a minha mente jovem, mas ela roubou aqueles momentos preciosos de maravilhamento infantil. Há um instante tardio na infância quando nossa inocência se perde para sempre; o meu chegou cedo demais e só percebi isso anos mais tarde, enquanto olhava fotografias de minha infância. Ali estava o pequeno Ben, de olhos azuis arregalados de curiosidade e brilhantes de alegria inocente. Então, por volta dos cinco anos, esses olhos começaram

a carregar um peso e uma consciência da morte, da raiva e da dor, um entendimento de que todos vamos morrer, ou pior ainda, vamos para o inferno.

Algumas pessoas dizem que o maravilhamento infantil, aquela imersão completa no momento presente, é similar ao que experimentam adultos sob a influência de substâncias psicodélicas. Toda a ansiedade e as preocupações do lado esquerdo do cérebro, o medo de não pertencer, de não se adequar, a preocupação de que os outros não gostem de nós e a desconexão que sentimos quando nos tornamos adultos é substituída nesses momentos por uma sensação de autoaceitação e conexão com outros seres. Essa é uma sensação que os cães dominaram, de algum modo permanecendo no presente enquanto se apresentam para oferecer apoio sem nenhum traço de julgamento. Ou melhor, isso acontece a não ser que eles não tenham tido sua aventura diária ao ar livre.

Ainda não tenho certeza se minha depressão na infância se devia ao desequilíbrio de serotonina, que parece acontecer com familiares próximos, ou se estava relacionada ao fluxo avassalador de estímulos emocionais que vêm com uma mente altamente perceptiva.

Enquanto crescia, lidava com a ansiedade, com os hormônios habituais da adolescência e também com hábitos obsessivo-compulsivos, seguindo rotinas estranhas de contar passos, acender e apagar luzes e repetir expressões ou pequenas ações até sentir que tinha algum controle sobre minha situação.

Como vivíamos em uma área remota, nunca existiam oportunidades para escapar muito do escrutínio de minha mãe. Não havia mensagens de texto nem mídias sociais. Eu tinha que agonizar sobre um bilhete manuscrito, ou usar o telefone discado da família para ligar para uma garota de quem eu gostasse.

Escapar para festas distantes era quase impossível, e, como todos os meus amigos da escola tinham números de telefone de

longa distância, minha mãe examinava minuciosamente as contas à procura de qualquer número desconhecido e cobranças de interurbanos, me perguntando se eram telefonemas para garotas. Embora usasse um fio muito grande e arrastasse o telefone para o meu quarto, precisava sussurrar na ligação para que ela não me escutasse falar.

Esses aspectos de minha infância me deixaram mal preparado para navegar por uma sociedade na qual a maioria dos jovens conseguia seus encontros no fim do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Minha mãe tinha medo de que eu conhecesse uma garota que fosse má influência e me afastasse de nossas crenças. Ela me questionava constantemente, como se falar ao telefone com uma garota pudesse engravidá-la.

Enquanto meus colegas pareciam resignados às limitações da vida de cidade pequena, eu sempre me senti inquieto, sabendo que havia mais na vida do que eu havia experimentado em minha criação protegida. No início, a floresta parecia imensa para mim, mas sempre soube que havia muito mais a explorar além de meu quintal.

Minha mente está conectada de um jeito que me faz analisar constantemente meu ambiente, observando as emoções dos outros enquanto contemplo meus próprios sentimentos e me prendendo em minha cabeça até saber o suficiente para agir. Às vezes, a dificuldade de expressar meus sentimentos para outros humanos me deixa ansioso e paralisado. Esse turbilhão de sensações se acalma ao simplesmente acariciar as orelhas do meu cachorro. Amo seus tranquilizantes suspiros de contentamento e a forma como oferece amor e apoio sem precisar me questionar para que eu tenha uma resposta. Apertar a minha cabeça contra a do meu cachorro e compartilhar um momento silencioso apenas respirando é um dos atos mais fundamentais e centralizadores para mim. Parar nesse momento apenas para respirar e se conectar

com um ser que me ama na mesma medida muda o rumo de um dia que até então parecia esmagador e fortuito.

Essa conexão profunda com meu companheiro animal começou na infância. Havia Justus, o mestiço de border collie que foi o primeiro cachorro de minha família; Jasper, um gato malhado magro e elegante que sobreviveu durante anos na floresta às múltiplas mudanças e batalhas com gatos de rua duas vezes seu tamanho; e Chassie, uma labradora retriever preta que amava se divertir – e comer. Apesar de ser uma criança tímida e sensível, que até o fim da adolescência morria de medo de atender o telefone, eu ficava à vontade me divertindo na floresta atrás de nossa casa com Justus ou Chassie. Cães são mestres da empatia e da comunicação não verbal, e eu conseguia liberar minha ansiedade e timidez com meus companheiros caninos (e felino), explorando a floresta e fingindo ser Luke Skywalker ou um grande homem da floresta.

Justus era um cão que gostava mais da vida ao ar livre, e sua presença fazia com que eu me sentisse seguro em nossa propriedade remota na floresta. Nossa casa ficava longe de nossos vizinhos e não havia opções consistentes de companheiros para brincar, por isso rapidamente aprendi a valorizar a companhia de cachorros. Eu gostava da companhia de Justus, e com ele ao meu lado minha mãe me deixava brincar na mata sem supervisão, procurando tesouros nas fileiras de pinheiros e nos riachos que serpenteavam pela floresta.

Nós vivíamos a cerca de quinhentos metros de uma estrada de terra rural, e durante os invernos duros de Michigan a entrada de carros ficava intransitável, especialmente para nosso Chevrolet Blazer enferrujado com tração em duas rodas. Meu pai usava um velho motoneve SkiDoo para puxar a mim e a minha irmã mais nova, Miranda, para casa em um trenó modificado, com as laterais elevadas para acomodar as compras, a roupa para lavar e qualquer outro suprimento para nossa moradia remota.